

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO

XX SEPE - SEMANA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DO SETOR DE
EDUCAÇÃO/2006

“BOM PROFESSOR”: Uma Análise das Expectativas de Pais, Professores e

Alunos de uma Escola Pública

Sheila Zimmermann de Moraes – UFPR – she_psico@hotmail.com

Lídia Dobrianskyj Weber – UFPR – lidiaw@uol.com.br

RESUMO

A influência do professor vai muito além da educação formal de seus alunos. Diante dessa responsabilidade a sua atuação é revestida de diversas expectativas pelos segmentos que compõem a comunidade escolar. O objetivo desta pesquisa foi conhecer estas expectativas em relação ao professor e avaliá-las com base na Análise do Comportamento. Para tanto, foram analisadas as respostas de 40 participantes (pais, professores e alunos de uma turma de 8ª série de uma Escola Estadual de Curitiba). Constatou-se que embora as expectativas estejam pautadas nos mesmos fatores - interação entre o professor e o aluno, a maneira como conduz a aula e características pessoais que facilitam o processo de aprendizagem - diferem quanto à prioridade que cada segmento atribui a cada uma desses fatores. Vale ressaltar que os resultados dessa pesquisa não podem ser amplamente generalizados, uma vez que a amostra não foi estatisticamente significativa. No entanto, a análise quanti e qualitativa dos resultados trouxe um universo de dados coerente e padronizado, mostrando que a amostragem foi suficiente para tecer considerações importantes sobre o tema. Sugere-se que em outra oportunidade seja realizada uma nova coleta de dados envolvendo um maior número de participantes, para que, assim, possa ser realizada uma análise de significância estatística, com comparação de médias entre grupos.

Hoje em dia é comum ouvir que os alunos não estão interessados em aprender. É comum ainda que, entre os estudantes, seja um motivo de chacota preocupar-se em realizar as tarefas de casa e obter sempre notas altas. Muitos pais deixam de acompanhar a vida escolar do filho, não se envolvem nesta área, especialmente depois da 5ª série do ensino fundamental. Contraditoriamente, ao mesmo tempo em que os professores passam por uma desqualificação sem precedentes em todos os níveis - inclusive pela mídia - a escola, como instituição preservadora da cultura produzida socialmente, ocupa um papel de destaque na sociedade, sendo responsável por educar, disciplinar e muitas vezes transmitir valores e princípios às crianças. A figura do “bom professor” é desejada por pais, alunos, equipe pedagógica e pelo próprio professor. Mas

o que significa ser um bom professor? Compreender o que esperam os diversos grupos que compõem a comunidade escolar pode ser útil para que o “bom professor” deixe de ocupar um lugar inalcançável, devido as diferentes expectativas que são sobrepostas a este profissional, passando a compreender o que se espera do professor de forma um pouco mais objetiva. Esta pesquisa analisa o que cada segmento da comunidade escolar espera deste profissional e até que ponto cabe a ele atender essas expectativas, realizando, assim, uma reflexão com base na análise do comportamento.

O Professor

Segundo Ponce (2004), os professores são profissionais desconsiderados, vivem sobrecarregados, muitas vezes precisam se envolver em tantas tarefas burocráticas que pouco podem dedicar-se àquilo que lhes é fundamental. Professores que atuam em escolas particulares, reclamam que sua autoridade foi retirada: os alunos acreditam que, por estarem pagando a escola, têm o direito de se sobrepor ao professor. Desta forma o controle passa a ser do aluno a partir da ameaça da perda do emprego. Os da escola pública têm a mesma queixa, considerando sua perda de poder sobre o aluno com a implantação dos ciclos de aprendizagem.

Não se pode negar essa triste realidade a que muitos dos professores estão submetidos, existindo poucos serviços de apoio à saúde dos docentes. Muitas vezes, os professores já desanimados e fatigados preparam aulas cada vez menos interessantes, sem recursos alternativos, simplesmente para “bater o cartão”. Professores cada vez mais distantes dos alunos, capacitados teoricamente, contudo com dificuldades de fazer uma relação entre teoria e prática, esquecendo-se que transmitem muito mais do que o conteúdo formal.

A difícil tarefa que cabe aos professores poderia ser facilitada se tivessem acesso a um conhecimento aprofundando acerca do comportamento humano, que pudesse subsidiar sua práxis educativa, compreendendo o que reforça um comportamento, como ele se mantém, identificando e manipulando variáveis para que comportamentos inadequados pudessem ser extintos. Entretanto Skinner alerta que “se quisermos aprofundar a compreensão do comportamento humano e melhorar os métodos de controle, devemos estar preparados para o caráter rigoroso do pensar que a ciência requer” (Skinner, 1979, p.45). Isto leva a pensar que o papel do professor não é o de ser psicólogo, pois não tem a base teórica necessária para, por exemplo, fazer uma análise funcional detalhada do comportamento de seu aluno. Todavia, seria interessante que houvesse oportunidade de que o professor se apropriasse de um conhecimento que,

embora não seja tão profundo quanto o do psicólogo, dê a ele o mínimo embasamento necessário para saber como conduzir de uma maneira saudável as relações dentro da sala de aula.

Woolfolk (2000) sugere algumas maneiras do professor encorajar comportamentos adequados de seus alunos, como por exemplo, o reforço com atenção, emitir elogios, reconhecer as realizações de seus alunos. Skinner (2000) afirma que os reforçadores disponíveis aos professores estão associados ao reforçador generalizado da aprovação, como por exemplo, boas notas, diplomas, entre outros. Este autor cita concursos de ortografia, por exemplo, como instrumentos familiares que fazem a aprovação ou outros reforçadores sociais explicitamente contingentes ao comportamento escolar. Talvez em nossa cultura, tais concursos sejam substituídos pelas “feiras de ciência” nas quais os alunos se dedicam por um período relativamente longo, buscando reforçadores como a nota, e ainda, a admiração, caso seu trabalho seja escolhido entre os melhores de sua turma.

Weber (1986), baseando-se em Skinner (1972), afirma que é necessário ter certa precaução com dois ídolos da escola que podem afetar àqueles que desejam melhorar o ensino.

O primeiro é o ídolo do **Bom Professor**: trata-se da crença de que o quê um bom professor pode fazer, qualquer outro também pode. Alguns professores são, é claro, particularmente eficazes. São pessoas naturalmente interessantes e que tornam as coisas atraentes para os alunos. O segundo ídolo é o do **Bom Aluno**: é a crença segundo a qual o quê um bom aluno pode aprender, qualquer um pode. Porque têm superior habilidade ou porque tenham sido expostos anteriormente a ambientes mais favoráveis, alguns estudantes aprendem sem serem ensinados (Weber, 2003, p. 6)

A interação professor-aluno

Weber (1986) ressalta que o relacionamento entre professores e alunos passa por diversas fases ao longo de sua trajetória acadêmica, iniciando com uma relação muito afetiva e apresentando ao longo dos anos o que chama de "esfriamento", chegando até mesmo a tornar-se indiferente ou opositivo ao ingressar na universidade. Estabelecer um clima de harmonia em sala de aula pode ser uma forma de garantir o sucesso na relação professor aluno. A autora afirma que a responsabilidade não é apenas do professor, como muitas vezes acreditam os alunos. Relata que a competência profissional é realmente importante, mas que a convivência agradável serve como mediador para o processo de aprendizagem. Desta forma, não há dúvidas que um ambiente reforçador e

não-punitivo seja o melhor pano de fundo para que a aprendizagem ocorra de uma forma satisfatória.

Regras e limites em sala de aula

Para que o desenvolvimento sócio-afetivo da criança ocorra de uma maneira saudável é muito importante que sua educação seja coerente. É fundamental que os professores estabeleçam regras adequadas visando o bom convívio em sala de aula. Seria muito bom se a sociedade fosse baseada apenas no reforçamento positivo. Entretanto, a punição ainda faz-se necessária. Todavia, é relevante que o professor esteja ciente que ao punir o aluno não deve cometer abusos físicos ou morais, fazendo uma distinção entre o que não aprova - o comportamento inadequado - e a criança. É necessário que o professor compreenda que existem maneiras corretas de dar conseqüências aos alunos por seus comportamentos incorretos.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) legitima o direito da criança de ser tratada de forma digna, quando afirma que “é dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor” (Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990 p. 4, Art 18). Assim sendo, o professor não pode utilizar a violência física ou abuso moral como forma de controle do comportamento. Entretanto, existe uma maneira velada de se manter o controle de forma autoritária. Lipp (1995) enfatiza que é até mais fácil exercer o controle do comportamento por meios mais suaves e indiretos, pois dessa forma, o controlado tem uma sensação de auto-determinação e livre-arbítrio. Skinner (2000) afirma que quando uma conseqüência aversiva é afastada, geralmente cria-se outra para tomar seu lugar, dando como exemplo a substituição da palmatória pela ameaça da retirada de aprovação ou afeição. De acordo com Skinner muitas vezes, os reforçadores positivos são usados como base para a estimulação aversiva condicionada na forma de ameaça de reprovação ou expulsão.

Vale ressaltar que é um desafio aos professores procurar o equilíbrio, pois não podem ser negligentes nem coercitivos. Os alunos precisam de regras e limites, e é o professor que em sala de aula terá a responsabilidade de ser consistente com o que diz. É um grande desafio para este profissional ter o controle da turma, mantendo o ambiente reforçador e não punitivo.

Outro ponto importante é que professores e alunos vêm sendo submetidos a inúmeras dificuldades tanto devido as suas condições sociais quanto as que se referem a outros fatores, como relacionamento entre professores e alunos e sobrecarga de tarefas.

Apesar de todas estas dificuldades é possível verificar a existência de professores e alunos que, apesar de estarem submetidos diariamente a contingências tão aversivas, conseguem superá-las. Esta condição de luta talvez possa ser chamada de resiliência que, segundo Célia (1997), é a adaptabilidade; a capacidade de um corpo de ter flexibilidade necessária para superar situações nas quais há o acúmulo de situações de risco, como o estresse. Embora nem sempre seja lhes dado o devido valor, são pessoas valiosas que transmitem aos seus alunos/professores marcas que ultrapassaram o tempo de convívio e as tornam inesquecíveis.

MÉTODO

Todos os alunos que participaram da pesquisa estavam cursando a mesma turma da 8ª série do Ensino Fundamental de uma escola pública de Curitiba, sendo que seus professores e pais também receberam o questionário. A pesquisa não considerou como critério de inclusão parâmetros de idade, gênero e nível sócio-econômico. Foram analisados 40 questionários, 27 de alunos, 10 de pais e 3 de professores.

Para contemplar a especificidade de cada segmento incluído na pesquisa (pais, alunos e professores), três tipos de questionários foram elaborados pelas pesquisadoras e continham questões abertas e uma questão fechada. O tempo de aplicação do questionário foi em média de 30 minutos.

As informações obtidas por meio das questões fechadas dos questionários foram categorizadas e co-relacionadas. As questões abertas foram categorizadas e analisadas por meio de equivalência semântica do discurso.

RESULTADOS

• Caracterização dos participantes

Alunos: A maioria dos alunos tinha 14 anos (51,9%). Havia, ainda, alunos com 13 anos (7,4%), com 15 (18,5%) e 16 (22,2%) anos. A idade média é 14,5 anos, sendo 0,9 o desvio padrão. Em média esses alunos já estudaram em três escolas diferentes.

Pais: O questionário foi enviado aos pais por meio dos 27 alunos da turma. Entretanto, somente 12 pais o devolveram, sendo que dois questionários foram ignorados em virtude de terem deixado mais da metade das questões em branco.

Dos pais que responderam ao questionário, 30% eram do sexo masculino e 60% do feminino, sendo que 10% não informou seu sexo. Todos afirmaram ter estudado em escolas públicas. Apenas 10% dos sujeitos afirmou ter estudado em escola pública e particular: 30% tem apenas o ensino fundamental, 20% concluiu o ensino médio, 10%

tem o ensino médio incompleto, 20% o ensino superior completo e 20% não informou sua escolaridade.

Professores: As disciplinas da grade curricular da turma de 8ª série estão sob a responsabilidade de sete professores. Vale ressaltar que o mesmo professor leciona história e geografia. Dos sete professores apenas três devolveram o questionário. Dos professores que responderam ao questionário todos possuem formação superior, dois estudaram ao longo de sua vida em escolas públicas e particulares e um estudou apenas em escolas públicas. Atualmente, todos os professores lecionam somente em escolas públicas.

Em relação ao número de alunos com os quais trabalham um professor afirmou ter 100 alunos e estar trabalhando em apenas uma escola, outro afirmou ter cerca de 270 alunos, lecionando em duas escolas e, por fim, o outro professor afirmou ter cerca de 500 alunos e trabalhar em duas escolas.

- **Bom Professor**

Tanto para os alunos, pais e professores foi solicitado que explicassem o que entendem por um bom professor, três categorias foram as mais significativas: relacionamento com alunos, didática e características pessoais. A Tabela 1 mostra o percentual de respostas dos alunos, pais e professores em cada uma dessas categorias.

Tabela 1: porcentagem de respostas dos alunos, pais e professores referente às categorias relacionamento com alunos, didática e características pessoais, ao conceituar o bom professor

<i>Categorias</i>	<i>Alunos</i>	<i>Pais</i>	<i>Professores</i>
Relacionamento com alunos	33,3%	23,3%	33,3%
Didática	30,8%	20,0%	33,3%
Características Pessoais	28,4%	40,0%	33,3%
Outras categorias	7,5%	16,7%	0%
Total	100%	100%	100%

Para os alunos, a categoria de destaque é a que envolve o seu relacionamento com o professor. Para os pais, as características pessoais do professor tiveram alta frequência de resposta. Já para os professores as três categorias foram consideradas como de igual importância.

Pode-se constatar que os alunos desconhecem o que seja um bom professor na opinião de seus pais. A Figura 1 compara a porcentagem de respostas nas categorias mais significativas apontadas pelos alunos na questão em que deveriam dizer o que é

um bom professor na opinião de seus pais, com a questão do questionário para os pais, a qual solicitava que definissem o que é um bom professor.

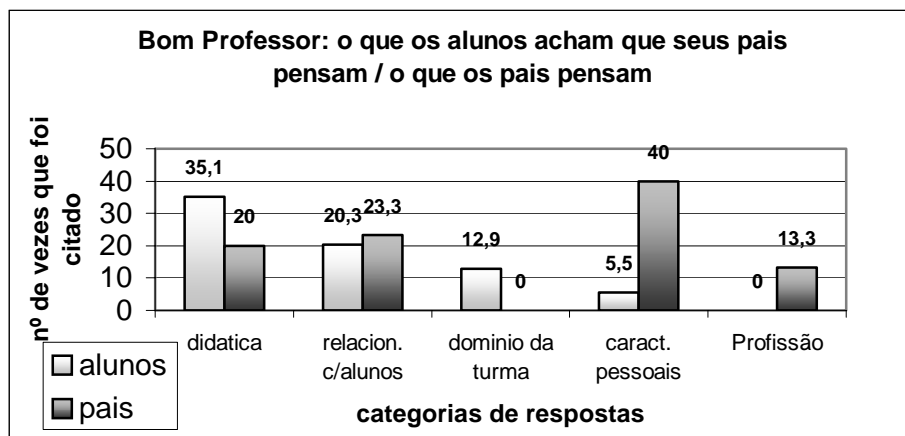


Figura 1: Porcentagem do que os alunos acreditam ser um bom professor na opinião de seus pais comparada a porcentagem do que os pais afirmaram ser um bom professor em sua opinião

Conforme pode ser observado na Figura 1, a maioria das respostas dos alunos esteve voltada à didática, acreditando que a maior preocupação de seus pais centra-se na metodologia de trabalho do professor. Todavia, isto não é constatado nas respostas dos pais, uma vez que para conceituar o bom professor, pautaram-se muito mais em características pessoais. A análise das respostas parece indicar que os alunos acreditam que seus pais desejam professores rígidos, que os controlem excessivamente, e estejam focados somente na matéria, enquanto, na realidade, os pais demonstraram maior preocupação com as características do professor de seu filho e com a interação professor e aluno.

Uma das questões para os pais solicitou que respondessem o que esperam dos professores de seus filhos. E no questionário para os professores foi solicitado que respondessem quais são as expectativas dos pais em relação ao professor e, em outra questão, quais deveriam ser as expectativas corretas em relação ao professor. A Tabela 2, mostra a porcentagem de respostas nas categorias mais significativas citada pelos professores e pais.

Pode ser observado que os professores também desconhecem as reais expectativas dos pais em relação ao seu trabalho, acreditando que o que os pais esperam está muito relacionado ao conhecimento formal, citando, por exemplo, “desenvolvimento do hábito de estudo” e “responsável com o conteúdo”. Todavia, os pais focam suas respostas nas características pessoais dos professores, como “íntegro”, “simpático” e “pulso forte”. Quando os professores colocam quais deveriam ser as

expectativas em relação a eles, em primeiro lugar, estão relacionadas à didática, como “que saiba transmitir o conhecimento”, porém demonstram que as expectativas devem ultrapassar o ensino formal, como “incentivar o aluno a fazer parte e atuar neste planeta”.

Em todos os questionários havia uma questão fechada e a resposta de cada segmento da população investigada já foi analisada individualmente. A Tabela 3 apresenta para cada característica a categoria (nenhuma importância, pouca importância, importante ou muito importante) que obteve maior porcentagem de respostas na avaliação dos alunos, pais e professores em relação a importância para que alguém possa ser chamado de bom professor.

Tabela 3: apresenta para cada característica a categoria (nenhuma importância, pouca importância, importante ou muito importante) que obteve maior porcentagem de respostas dos pais, professores e alunos em relação a importância para que alguém possa ser chamado de bom professor

<i>Características</i>	<i>Alunos</i>	<i>Pais</i>	<i>Professores</i>
Beleza	Nenhuma Importância (59,2%)	Nenhuma Importância (90,0%)	Pouca Importância (66,6%)
Maneira como se veste	Nenhuma Importância (55,5%)	Importante (40,0%)	Pouca Importância (66,6%)
Idade	Nenhuma Importância (59,2%)	Nenhuma Importância (40,0%) Importante (40,0%)	Pouca Importância (66,6%)
Maneira como comunica o que sabe	Muito Importante (70,3%)	Muito Importante (90,0%)	Muito Importante (100%)
bens que possui	Nenhuma Importância (81,4%)	Nenhuma Importância (90,0%)	Nenhuma Importância (100%)
Beber/fumar	Nenhuma Importância (51,8%)	Pouca Importância (40,0%)	Muito Importante??
Maneira como se relaciona com os alunos	Muito Importante (85,1%)	Muito Importante (80,0%)	Muito Importante (100%)
Elogio.	Pouca Importância (33,3%)	Importante (40%) Muito Importante (40,0%)	Muito Importante (66,6%)
Organização	Muito Importante (55,5%)	Muito Importante (70,0%)	Importante (66,6%)
aborde assuntos do dia-a-dia	Muito Importante (85,1%)	Importante (40,0%) Muito Importante (40,0%)	Muito Importante (66,6%)
Experiência	Muito importante (70,3%)	Muito Importante (50,0%)	Pouca Importância(33,0%) Importante(33,0%) Muito Importante (33,0%)

Houve consenso entre pais, professores e alunos, considerando que a maneira como comunica o que sabe e como se relaciona com os alunos são características muito importantes para que alguém possa ser chamado de bom professor: Pode-se dizer que a avaliação destas características como muito importantes é coerente com as demais

respostas fornecidas nas questões abertas, pois ao longo do questionário todos deram ênfase a interação entre professor e aluno, e a maneira como o professor conduz a aula.

Características como a beleza, maneira como se veste, e idade foram consideradas por todos os participantes da pesquisa como tendo pouca ou nenhuma importância para que se considere alguém como bom professor. Em relação ao restante da pesquisa, pode-se afirmar que essas características não foram citadas nenhuma vez nas questões abertas, sendo dessa forma coerente que sejam consideradas como sendo pouco ou nada importantes.

Já a ‘organização’ e “abordar assuntos do dia-a-dia” foram considerados como características importantes ou muito importantes por pais, professores e alunos. Todavia, nas questões abertas poucas vezes foram lembradas, talvez por terem sido colocadas nesta questão de forma muito específica, pois poderia dizer que organização está dentro de uma categoria maior, que neste trabalho foi chamada de características pessoais e outros aspectos relacionados às características do professor foram citados diversas vezes. Assim também como abordar assuntos do dia-a-dia, poderia estar dentro da categoria mais geral didática, que foi mencionada diversas vezes pelos entrevistados.

Características como beber, fumar e elogiar foram consideradas de forma distinta para os participantes apresentando maior relevância, primeiramente para os professores, em segundo lugar para os pais, e por último para os alunos. Quanto ao beber e fumar, talvez se possa dizer que a resposta está muito relacionada à história de vida de cada indivíduo, pois se o adolescente bebe e fuma, provavelmente não achará que esta é uma característica que pese na hora de verificar se o seu professor é bom ou não. Além disso, esta característica está muito mais relacionada ao comportamento do professor quando está longe da turma. Todavia para os pais e professores, o não fumar e beber foram considerados como sendo importantes para que se possa chamar alguém de bom professor. Pode-se supor que eles estão conscientes de que os professores são modelos para seus filhos/alunos e estão conscientes dos efeitos prejudiciais do cigarro.

A experiência, apesar de ter sido avaliada como muito importante pelos alunos e pais, não obteve consenso entre os professores, apesar de todos os professores que responderam o questionário trabalharem a vários anos nesta profissão. Provavelmente, sua experiência profissional demonstre que apenas anos de carreira não é um fator relevante para que alguém seja chamado de bom professor.

- **Professores que marcaram a história**

Algumas questões formuladas tinham como objetivo conhecer como os professores são lembrados, seja por sua influência negativa ou positiva na vida de seus alunos. Para tanto, em todos os questionários foi perguntado se eles lembravam o pior professor que já tiveram e três coisas que lembravam deles.

As respostas apresentadas por pais, professores e alunos foram agrupadas, e puderam ser classificadas em didática, relacionamento com os alunos, características pessoais, características físicas, e algumas respostas foram categorizadas como outros. Observe a Figura 2.

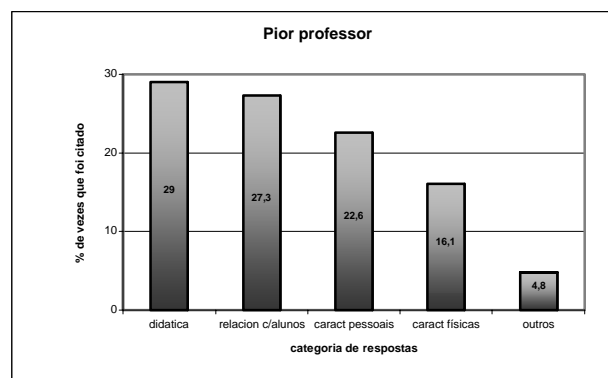


Figura 2: percentual total de respostas referente às características dos piores professores que os alunos, pais e professores já tiveram.

Em primeiro lugar, a categoria mais citada foi a “didática”, na qual foram incluídas respostas como, “exigia que eu corresse mesmo eu tendo bronquite”, “não tinha paciência de repetir a matéria se houvesse dúvidas”, “detestava que ela só falava inglês” e “ela não explicava nada e ainda só mandava a gente copiar lição do livro”. Em segundo lugar, a categoria “relacionamento com alunos”, obteve respostas como, “desrespeitava os alunos”, “conseguia deixar qualquer um no chão” e “só ficava gritando”. Em terceiro lugar foram apresentadas respostas ligadas às características pessoais como, “nervoso” “era uma professora chata, fechada nunca sorria”, “arrogância”, “metido”, “grosso” e “estúpido”. Em quarto lugar foram fornecidas respostas relacionadas a características físicas como, “feio”, “careca” e “velho”. Algumas respostas foram incluídas na categoria “outros”, como por exemplo, “coisas ruins” e “comparava com seu filho de seis anos”.

Foi perguntando ainda se lembravam do melhor professor que já tiveram. As características que marcaram alunos, pais e professores foram analisadas de forma conjunta podendo ser classificadas como “relacionamento com os alunos”, “características pessoais” e “didática”, como pode ser visto na Figura 3.

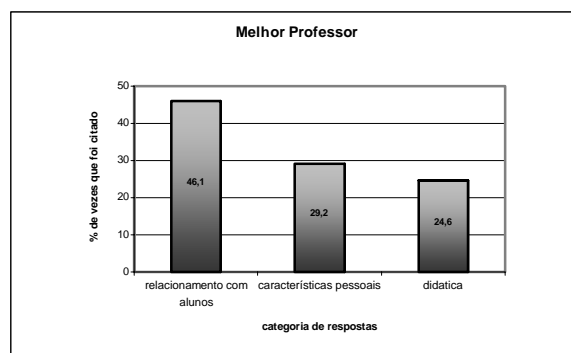


Figura 3: percentual total de respostas referente às características dos melhores professores que os alunos, pais e professores já tiveram.

Em primeiro lugar, para eleger os melhores professores, os entrevistados enfatizaram aspectos relacionados a interação que o professor tinha com eles, como por exemplo, “ela era divertida e alegre, porém rígida com todos sem exceção”, “zoava bastante com a gente”, “amigo”, “carinhosa”, “se interessava em saber se eu estava bem” e “gostava de mim”. Em segundo lugar, foram enfatizados aspectos relacionados a características pessoais do professor, tais como, “é uma pessoa excelente” “muito educada”, “bacana”, “seu jeito engraçado” e “espontâneo”. Em terceiro lugar, foram citados aspectos relacionados à didática, como por exemplo, “explicava bem”, “fazia a matéria ser fácil” “bom ensinamento”, “dominava o conteúdo” e “oportunizava aulas extra classe”. É interessante observar que a referência ao melhor professor está associada ao seu relacionamento com os alunos e, ao pior professor, a didática.

DISCUSSÃO

Após a realização desta pesquisa pode-se afirmar que, de uma forma geral, três fatores são importantes para que alguém possa ser chamado de “Bom Professor”: relacionamento com os alunos, didática e características pessoais. Tais fatores parecem facilitar o processo de aprendizagem.

Quanto à interação entre professores e alunos pode-se afirmar que, para os alunos, o relacionamento que possuem com o professor é, muitas vezes, mais importante do que a forma como ele trabalha o conteúdo. Pode-se dizer ainda que, por se tratar da mesma turma, foi observado que, mesmo que em muitas respostas a turma apresentasse a mesma opinião, parecendo ter sido construída coletivamente, como por exemplo, em relação ao péssimo professor, em outros momentos cada aluno demonstrou que suas expectativas diferem dos colegas em relação ao “bom professor”.

Esta contradição pode ser explicitada teoricamente e atribuída a diferentes histórias de reforçamento a que cada um dos alunos foi submetido ao longo de sua vida.

Conforme afirma Andery (2001) nosso comportamento se mantém de acordo com suas conseqüências. Isto está relacionado à história filo e ontogenética, como também a cultura na qual estamos inseridos. Assim, pode-se afirmar que, para cada aluno, certas características chamaram mais atenção do que outras. Portanto, não é possível existir um professor que agrade a todos sem exceção.

Em relação às características pessoais, que foram citadas inúmeras vezes, Skinner (2000) alerta que muitas vezes termos como “agressivo”, “amigável”, que parecem descrever propriedades do comportamento, na verdade referem-se a relações de controle. Dessa forma, é possível afirmar que os alunos e pais desejam professores atenciosos, pacientes, compreensivos, pois, de certa maneira, o controle que exerceram sobre seu comportamento, ou de seus filhos, será menos coercitivo. Além disso, é provável que algumas características apontadas por pais e alunos estejam muito relacionadas à competência interpessoal do professor. A expressão *um professor amigo* pode ser entendida como aquele que é empático e expressa sentimentos positivos. *Um professor grosso* pode ser aquele que não é assertivo, expressando sua opinião de forma agressiva, que não admite falhas, mantém o foco no erro do aluno, criticando-o excessivamente. Portanto, pode-se dizer que as características pessoais estão intimamente ligadas à qualidade de interação que o professor mantém com a turma. Conseqüentemente, para que o aluno aprenda o conteúdo formal, não basta ser um excelente conhecedor do conteúdo, mas sim, alguém que acompanhe de perto seus avanços, suas dúvidas, ou seja, um professor presente.

Em relação à didática, a maneira como o professor prepara e conduz o trabalho em sala de aula fará muita diferença no envolvimento do aluno com a disciplina. Segundo Woolfolk (2000) o formato de uma lição afeta o envolvimento do indivíduo: se despertar a curiosidade eles ficarão motivados a continuar buscando uma resposta. Nesta pesquisa os próprios alunos reconheceram a importância de uma aula bem preparada. Muitas vezes os professores reclamam do descaso de seus alunos, todavia, chegam em sala sem ao menos lembrar em qual parte da matéria a turma se encontra, demonstrando total falta de envolvimento com o processo de ensino.

Entretanto, muitos professores têm se comportado desta forma não pelo descompromisso, mas pelo excesso de atividade, pois, segundo Ponce (2004), os professores são profissionais desconsiderados, vivem sobrecarregados, muitas vezes precisam se envolver em tantas tarefas burocráticas não tendo tempo suficiente para dedicar-se àquilo que lhes é fundamental. Esses profissionais precisam abrir mão do

tempo com a família e de lazer para corrigir provas e trabalhos, preparar aulas, situações que se transformam em rotina estressante, sem ganharem nada a mais, além do reconhecimento, muitas vezes tardio, de seus alunos.

Pensando nesta especificidade do trabalho docente, sugerem-se algumas estratégias para intervenção. É preciso compreender que pequenas mudanças no comportamento do professor podem tornar suas aulas mais envolventes, provocando inúmeras conseqüências positivas no comportamento do aluno, melhorando, assim, o ambiente em sala de aula.

Tornar as regras claras é um primeiro passo para mudanças efetivas. Woolfolk (2001) diz que cada atividade em sala de aula tem suas regras. Muitas vezes elas são implícitas e não-declaradas, dificultando o desempenho da turma. A autora afirma que, sem regras e procedimentos eficientes, muito tempo é desperdiçado. Dessa forma é essencial o estabelecimento de regras claras e, sempre que possível, mesmo sendo direcionadas pelo professor, construídas em conjunto com o aluno: os combinados coletivos.

Algumas vezes, durante a pesquisa, alunos disseram que “o professor exige muito além do que o aluno pode dar”. Portanto, é também importante que o professor respeite a dificuldade dos alunos, procurando encontrar maneiras de ajudá-lo a superá-las através da modelagem por aproximações sucessivas, reforçando pequenas vitórias. Para essa situação é importante que o professor parta daquilo que o aluno já sabe e inicie reforçando seus acertos, modelando dessa forma seu comportamento. Entretanto, o professor não pode simplesmente permitir que o aluno deixe de realizar as tarefas, pois o treino faz com que o comportamento torne-se mais próximo do esperado.

Além disso, os resultados dessa pesquisa evidenciaram a importância da realização de um programa de capacitação de professores composto de atividades teórico-práticas, nas quais o professor não tivesse apenas o papel de ouvinte, mas que se beneficiasse dos pressupostos defendidos pela Análise do Comportamento aliando-os a sua prática pedagógica, uma vez que ele é a pessoa mais autorizada para elencar as maiores dificuldades que encontra em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Weber (1986) afirma que muitas vezes o aluno deposita inúmeras expectativas em relação ao professor e isso foi confirmado na resposta dos alunos. Através dos resultados encontrados pode-se dizer que, de uma forma geral, um “bom professor” para

o aluno é aquele que ele, em primeiro lugar, tem um bom relacionamento, que explica a matéria de uma forma que todos compreendem e ainda, apresenta algumas características pessoais que facilitam a interação. Como disse um aluno, um bom professor é aquele que “dá boas explicações, sabe se comunicar direito com os alunos e não fica gritando”.

Para os pais, talvez seja possível conceituar o “Bom professor” como aquele que é dotado de algumas características pessoais que demonstram o cuidado com o seu filho/aluno e a seriedade que requer a tarefa de transmitir o conhecimento. Além disso, o Bom professor deve gostar do que faz preocupando-se em manter-se atualizado. Uma das mães afirmou que o bom professor é aquele que “apresenta um ensino de boa qualidade, tem pulso forte contra a rebeldia dos alunos e converse mais individualmente com cada aluno”.

Para os professores, o “Bom Professor” é aquele que consegue equilibrar as características necessárias para que transmita o conteúdo com qualidade, mantendo um bom relacionamento com seus alunos, preocupando-se com sua formação enquanto cidadãos. Como disse um professor é aquele que “dá o máximo de si em relação à aprendizagem do aluno”.

Para Análise do Comportamento, o bom professor é aquele que entende que o aluno está em um contínuo processo de aprendizagem. É um profissional que não ministra as aulas de acordo com seu estado de humor, mas que age de forma coerente com o que diz. É um bom modelo para seu aluno e educa a partir do reforçamento positivo. Procura levar em consideração a individualidade de cada aluno, compreendendo que seu repertório comportamental é consequência de sua história ontogenética, filogenética e cultural. Todavia reconhece que o professor não é uma máquina, que sua tarefa é um desafio e que, em virtude das contingências a que este profissional está submetido, está ciente de que é humanamente impossível não cometer erros. Todavia, reconhecer que é limitado, e que também erra é uma das habilidades sociais fundamentais para que o professor nunca deixe de ser acessível aos seus alunos, pois somente assim será um bom professor.

Desta forma, os objetivos da presente pesquisa foram alcançados sendo constatado que as expectativas em relação ao bom professor, embora sejam pautadas praticamente nas mesmas características, diferem quanto à prioridade que cada segmento da comunidade escolar atribui ao relacionamento entre professores e alunos,

às características pessoais e a maneira como o professor prepara, explica e conduz a sua aula.

Vale ressaltar que os resultados dessa pesquisa não podem ser amplamente generalizados, uma vez que a amostra não foi estatisticamente significativa, limitando, dessa forma, a amplitude dos dados encontrados. No entanto, a análise quantitativa e qualitativa dos participantes trouxe um universo de dados coerente e padronizado, mostrando que a amostragem foi suficiente para tecer considerações importantes sobre o tema. Sugere-se que em outra oportunidade seja realizada uma nova coleta de dados envolvendo um maior número de participantes, para que, assim, possa ser realizada uma análise de significância estatística, com comparação de médias entre grupos.

Assim, essa pesquisa se encerra com a certeza de que o professor é fundamental para a formação de uma pessoa. Mesmo que não consiga agradar a todos, deixa sua marca na vida de muitos, como escreveu um aluno de 14 anos “eu gosto dos professores que tenho e quero agradecer por me ajudarem tanto”.

REFERÊNCIAS

ANDERY, M. A. O modelo de seleção por consequência e a subjetividade. In: R.A. BANACO (Org.), *Sobre comportamento e cognição* V.1. Santo André, SP: ESETEC, 2001.

CÉLIA, S. Promoção da saúde e Resiliência In: N. FICHTNER (Org.), *Transtornos Mentais da Infância e da Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

DEL PRETTE, A. & DEL PRETTE Z. *Psicologia das relações Interpessoais: vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

BRASIL (1990). *Estatuto da Criança e do Adolescente* . Lei Federal nº 8069 de 13/07/1990.

LIPP, M. N. Ética e psicologia comportamental. In: B. Range (Org), *Psicoterapia comportamental e cognitiva: pesquisa, prática e aplicações a problemas*. Campinas: Editorial PSY II., 1995.

PONCE, B. J. O tempo na construção da docência. In: Romanowski, J., Martins, P. & Junqueira, S. *Conhecimento local e conhecimento universal: pesquisa, didática e ação docente*. Curitiba: Champagnat, 2004.

SKINNER, B. F. *Ciência e Comportamento Humano* (10ª ed.). São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WEBER, L.N.D. Alunos e professores: adversários ou aliados?. Voz do Paraná, Curitiba, 2003.

WOOLFOLK, A. E. *Psicologia da Educação* (7ª ed.). Porto Alegre: Artmed, 2000.